

Liturgia das Horas: Espiritualidade com os Salmos

*Liturgy of the Hours:
Spirituality with the psalms*

Marco Antonio Norberto Costa

Resumo

O presente artigo relata como a busca pelo sagrado deve sua importância para as civilizações desde remotos tempos. Partindo-se de estudos é possível perceber que os Salmos contribuíram para o estabelecimento dos momentos orantes da humanidade, pois, desde a sua instituição e seu estabelecimento, o Povo de Deus, em diferentes épocas, utilizou-se deles. É possível constatar que a religião judaica consignou em diversos períodos do dia a prática das preces sálmicas, como também a sua utilização no *Shabbat* no Templo e nas Sinagogas. Posteriormente, a presença do Verbo Encarnado veio consolidar para a Igreja nascente sua relevância. Jesus com a oração do Pai Nosso afirmou a indispensabilidade dos Salmos. No artigo podemos observar que a Liturgia das Horas foi estruturada e estabeleceu-se como oração oficial do novo Povo de Deus. Atualmente os mesmos foram distribuídos conforme os tempos litúrgicos e pela designação de cada um conforme as características das Horas.

Palavras-chave: Salmos. Oração. Liturgia das Horas.

Abstract

This article reports how the search for the sacred owes its importance to civilizations since ancient times. Based on studies, it is possible to see that the Psalms have contributed a great deal to the establishment of moments of prayer for humanity, because since their institution and establishment, the People of God, have used them at different times. It is possible to see that the Jewish religion included the practice of psalmic prayers at different times of the day, as well as their use on *Shabbat* in the Temple and Synagogues. Subsequently, the presence of the Incarnate Verb consolidated its relevance for the nascent Church. Jesus with the prayer of the Lord Our Father affirmed the indispensability of the Psalms. In the article we can observe that the Liturgy of the Hours was structured and established itself as the official prayer of the new People of God. Currently, they have been distributed according to the liturgical times and the designation of each one according to the characteristics of the Hours.

Keywords: Psalms. Prayer. Liturgy of the Hours.

Introdução

A oração consiste no diálogo entre a divindade e a humanidade. Deus sempre tem a iniciativa de chamar a esse colóquio. Conforme L. G. Quevedo, um “encontro de duas liberdades: a absoluta de Deus, que chama, e a humana, que responde a este chamado”.¹ A oração, não só com as palavras, mas gestos e atitudes, é o modo humano de responder a Deus.

A espiritualidade cristã eclesial possui duas perspectivas: a particular e a comunitária. Segundo A. Beckhäuser, o cristão se comunica com a Santíssima Trindade individualmente por meio da oração, da ascese, da meditação e de outras maneiras. Entretanto, também é chamado comunitariamente a alimentar sua fé por meio dos sacramentos, dos sacramentais,² sem esquecer as diversas liturgias e devoções populares. Ambas as expressões religiosas, para que sejam fecundas em Deus, não podem ser impessoais, mas celebradas plenamente por quem a vive.

A oração com os Salmos é a oração da vida, da peregrinação de um povo em busca da terra prometida, de lutas com momentos de vitórias e de derrotas. A importância dos Saltérios que acompanharam a oração judaica no primeiro milênio antes de Cristo é a primeira parte dessa pesquisa, pois, junto com sua formulação encontramos a espiritualidade judaica que também se edifica como um povo e uma nação. A pessoa de Jesus Cristo se forma igualmente pela vivência das orações do povo de Deus com os textos sálmicos. Ao longo de toda a sua vida, sua proximidade com os elementos judaicos tem grande relevância, mas com uma nova interpretação, segundo a vontade do Pai. Posteriormente, a Igreja, em resposta ao convite de Jesus, adota a continuidade da vivência com os Salmos em sua oração ordinária. A presença deles na Liturgia das Horas é o momento de pleno colóquio com a Trindade.

1. Salmos como o livro por excelência da Oração Judaica

A vida religiosa do povo de Israel não se distingue da sua história, sua oração está entrelaçada com o seu passado. Nesse contexto, J. M. Canals observa que “a oração de Israel, jamais interrompe o ritmo de sua história, porque sua história é história de sua oração, não se podendo entender essa sem aquela”.³ A oração estabelece a relação histórica com Deus, mas também a força que une Israel, como povo de Deus. O memorial de ação de graças (*zikkaron*) é uma ação contínua, com o desejo de recordar tudo o que Deus obteve em benefício e amor ao seu povo.⁴

A história da piedade do povo israelita pode ser dividida em três períodos que se

¹ QUEVEDO, L. G., Dicionário Teológico da Vida Consagrada, p. 1142.

² BECKHÄUSER, A., A Celebração do Mistério de Cristo nas horas do dia, p. 112.

³ CANALS, J. M., A Celebração na Igreja, p. 268.

⁴ SANTANA, L. F. R., A Liturgia das Horas como memorial de Cristo e santificação do tempo, p. 3.

complementam, contudo, são tipicamente diferenciados. O primeiro é chamado de pré-profético, que vai do século XV ao X a.C., assinalado pelos amigos de Deus, homens orantes que também denomina a era dos Patriarcas. Reflexo bíblico desta etapa são os livros do Pentateuco, Josué, Juízes, Samuel e os do início da monarquia. A segunda era desenvolve-se entre o século X e o VI a.C., sendo o tempo profético. Sua peculiaridade é a piedade fortemente marcada pelos homens da profecia, que rezam pelo rei (1Sm 15,10), pelo povo (2Rs 6,17) e por si mesmos (Jr 8,6s). O pós-exílio ou sapiencial é o último decurso de Israel no Antigo Testamento, e transcorre entre os séculos VI e III a.C. Em vista de uma harmonização entre os dois períodos anteriores, a síntese devocional uniu o zelo pelo rito exterior com as exigências das atitudes interiores. Encontram-se como fontes principais os livros Sapienciais, das Crônicas, de Esdras e Neemias.⁵

1.1. Orações e sacrifícios no Templo

Na história das religiões, a função sacerdotal é assimilada na distinção entre o sagrado e o profano. Outras definições apresentam como o sagrado, um universo sem limites, já o profano, o universo orientado para a morte. No Antigo Testamento, o sacerdote foi instituído no deserto, por Moisés, consagrando a tribo de Levi.⁶ Os livros do Pentateuco trazem diversos relatos da organização cültica. Nos livros do Êxodo e dos Números temos o mesmo pedido divino: “Eis que oferecerás sobre o altar: dois cordeiros de um ano, cada dia, e de modo perpétuo. Oferecerás um desses cordeiros pela manhã e o outro ao crepúsculo” (Ex 29,38-39; Nm 28,3-4). Em outros textos do Antigo Testamento se observa as orações pela manhã e no início da noite, sendo esse último momento, o começo de um novo dia.

Com a instituição da monarquia no período davídico, o culto foi sendo centralizado em Jerusalém, estabelecendo uma estrutura que pudesse melhor responder ao louvor ao Senhor. Já no período pós-exílico, constituiu-se em Israel uma hierocracia, com a centralidade no culto.⁷ Afirma L. F. R. Santana que o ambiente estabelecido do sacrifício era o templo, como marca e elemento histórico e litúrgico do povo de Israel. Os sacrifícios vespertinos e matutinos, com início dos ciclos lunares e solares eram acompanhadas de orações.⁸

1.2. Orações nas Sinagogas

Com o exílio babilônico, o judeu não tem mais o templo e está em uma terra estrangeira. A comunidade, perdendo sua estrutura física, precisa continuar unida e em oração. Como comunidade, então, se reúne, dando início ao ambiente das sinagogas.⁹ Sinagoga, do hebraico *Beit Ha-Knesset*, que significa “Casa da Assembleia”. É o local atualizado pela presença da comunidade, que ali se reúne para rezar e estudar a Torá. Os

⁵ CANALS, J. M., A Celebração na Igreja, p. 269.

⁶ SKA, J-L., Antigo Testamento, p. 187.

⁷ SIQUEIRA, F. S., A crítica profética ao culto do Segundo Templo, p. 17.

⁸ SANTANA, L. F. R., A Liturgia das Horas como memorial de Cristo e santificação do tempo, p. 10.

⁹ SANTANA, L. F. R., A Liturgia das Horas como memorial de Cristo e santificação do tempo, p. 10.

sacerdotes e levitas não possuem privilégios e todos os seus membros possuem a mesma importância.¹⁰ As orações rezadas nas sinagogas podem ser realizadas individualmente e no ambiente familiar.

A oração de maior importância na liturgia judaica é o *berakah*. Esse pode ser definido como ação de graças, louvor, bênção e é “um dos termos que melhor expressa a riqueza e originalidade da espiritualidade de Israel”.¹¹ Sua importância deseja a plena união de Deus com o homem e o mundo. A fórmula padronizada de maior relevância é: “Sê bendito, Senhor nosso Deus” ou ainda “Eu te bendigo, Senhor nosso Deus”. De acordo com C. Di Sante, a dinâmica e linha mestra de todas as festas judaica consiste sempre na atitude de louvor, agradecimento e reconhecimento da gratuita benevolência divina.¹² Ela também nos ensina que a *berakah* é sustentada pela tríade do *shema' Yiśa 'el*, que são três textos bíblicos, e de algumas bênçãos que o procedem e o finalizam;¹³ *tefillah* acontece depois do *shema'* e é composta por 18 bênçãos;¹⁴ e *miqrat* ou *qeri'at Torah* é a leitura e comentários da Torá feita nas sinagogas nas segundas-feiras, terças e nos sábados.¹⁵

Durante os seis primeiros dias da semana, o culto na sinagoga ou nos lares é celebrado em três momentos denominados: *Ma'ariv*, *Shahrit* e *Minhah*. O início de um novo dia judaico começa com o surgimento da primeira estrela no céu. No princípio das trevas temos o *Ma'ariv*, oração que deseja trazer luz para a escuridão da noite que se aproxima, e deve ser rezada até a meia noite. Ao despontar as luzes matutinas, no período da manhã reza o *Shahrit* que é a principal oração, muito mais elaborada e com uma duração maior de tempo, justamente por estar no centro do dia. Por fim, temos o *Minhah*, que deve ser rezado somente depois do meio-dia e no decorrer da tarde. A utilização do Saltério é essencial na liturgia desses três momentos, com a mesma estrutura, com acréscimos e alterações em datas festivas.¹⁶

Nos sábados, o dia do *Shabbat*, tem importância maior a presença do judeu na sinagoga. A liturgia é enriquecida de simbolismos e textos especiais, como a leitura da Torá e o *Qabbalat Shabbat* que é a oração de acolhida do sábado. Essa é celebrada no final da tarde da sexta-feira na sinagoga, tendo um conjunto de Salmos e de poemas que são recitados com o início da festa do sábado.¹⁷ A oração na sinagoga só pode acontecer depois do *minyan* que é a contagem de no mínimo dez adultos do sexo masculino. Outros momentos importantes na vida judaica acontecem nas sinagogas, sempre com a utilização do Saltério, como o nascimento de um menino (*berit-mila*), que significa aliança da circuncisão, rito pela qual o recém-nascido se torna filho de Abraão, celebrado no oitavo dia do seu nascimento. Temos ainda o tornar-se adulto (*bar mişwah*) comemorado no primeiro sábado posterior ao aniversário de treze anos de um menino, os matrimônios e os funerais.¹⁸

¹⁰ DI SANTE, C., Liturgia Judaica, p. 188.

¹¹ SANTANA, L. F. R., A Liturgia das Horas como memorial de Cristo e santificação do tempo, p. 11.

¹² DI SANTE, C., Liturgia Judaica, p. 28.

¹³ DI SANTE, C., Liturgia Judaica, p. 62.

¹⁴ DI SANTE, C., Liturgia Judaica, p. 93-94.

¹⁵ DI SANTE, C., Liturgia Judaica, p. 128.

¹⁶ DI SANTE, C., Liturgia Judaica, p. 189.

¹⁷ DI SANTE, C., Liturgia Judaica, p. 195.

¹⁸ DI SANTE, C., Liturgia Judaica, p. 202.

1.3. Orações do Salmos

A espiritualidade judaica é marcada pela contagem do tempo em sua vida. Seja ao longo dos anos, seja no percurso das horas do dia. Sempre voltando seu coração para Deus em diversos momentos. E os Salmos acompanham o itinerário de oração desse povo. Segundo L. F. R. Santana:

Os Salmos constituem uma síntese praticamente exaustiva de toda a religiosidade de Israel. Todos os comportamentos humanos e espirituais, todas as emoções religiosas do povo de Deus, encontram expressão em algum versículo dos Salmos. Israel revive, em forma de oração, a sua história, na medida em que exprime nos Salmos, com total clareza, todas as suas esperanças, neles refletindo fielmente a sua fecunda experiência religiosa.¹⁹

O termo salmo tem sua origem do grego *psalmoi*, e segundo J. Bortolini, significa uma oração cantada e que utilizando de instrumentos musicais deve ser acompanhada. Considerada uma das mais ricas coleções de orações pela qual a humanidade pode se aproximar de Deus. Sua língua original é o hebraico, chamado de *Tehillim*, que pode ser traduzido por louvores. Sua composição possui 150 textos poéticos, que formam o Livro dos Salmos ou Saltério.²⁰ A formação completa, de acordo com J. Kselman e M. Barré, percorreu um caminho de oito séculos, sendo do período davídico século X a.C. ao II a.C. na versão da Septuaginta,²¹ sem a identificação de um único autor, mas um povo que louvava o seu Senhor. Já C. Mesters e F. Orofino afirmam que na Septuaginta são atribuídos a Davi 82 Salmos e que, no tempo de Jesus, todos seriam considerados como de sua autoria. A importância dos Salmos é reforçada pela associação da oração davídica. Todos desejavam rezar e cantar como o grande rei.²² Para J. M. Canals percebe-se as múltiplas influências que são encontradas ao longo de sua lenta elaboração, todavia, sente-se palpitar o coração orante de um povo em caminho ao seu Deus. Ele ainda complementa:

Os Salmos são oração e poesia. O Saltério contém o lastro mais rico da oração hebréia e humana, é o livro da oração por excelência, a cristalização da oração das sucessivas gerações, e a oração privada e litúrgica do povo de Deus. No Saltério temos de forma sintética toda a história da oração de Israel.²³

Em cada salmo encontramos um texto autônomo, com características e delineamentos irrepetíveis, que não será percebido em outro. Na busca da compreensão da imagem de Deus nos Salmos, a figura como criador e salvador se fazem presentes. Os Salmos, em determinados versículos, realçam o poderio divino (Sl 33,6-7; 36,6-10; 65,10-14; 74,12-17; 89,10-13; 95,3-4; 104,3-10; 136,5-9).²⁴ Mas devido ao seu longo processo de formação, possuem marcas da evolução do pensamento religioso israelita. Conforme V. M. Asensio, podemos perceber as discordantes visões de Deus e a sua relação com a

¹⁹ SANTANA, L. F. R., A Liturgia das Horas como memorial de Cristo e santificação do tempo, p. 10.

²⁰ BORTOLINI, J., Conhecer e rezar os Salmos, p. 7.

²¹ KSELMAN, J. S.; BARRÉ, M. L., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, p. 1029-1030.

²² MESTERS, C.; OROFINO, F., Lendo o livro dos Salmos, p. 14.

²³ CANALS, J. M., A Celebração na Igreja, p. 272.

²⁴ KSELMAN, J. S.; BARRÉ, M. L., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, p. 1035.

humanidade. Evidencia-se sua relação vitoriosa no esplendor monárquico como também, sua prostração e impotência do período pós-exílico.²⁵

Os estudos sobre os diferentes tipos literários presentes no Saltério motivaram diversos pesquisadores no século XX. Não sendo possível uma única definição, apresentaremos os mais evidentes. Os Salmos definidos por Hinos de Louvores temos: Sl 8; 19; 29; 33; 65-66,1-12; 100; 104-105; 111; 113-114; 117; 135-136; 145-146; 148-150. Com a intenção de louvar a Deus ou o convite para que outros o louvem. Os Salmos de Lamentos são os que possuem a maior quantidade, com quarenta lamentos individuais e doze de lamentos coletivos ou nacionais. Sempre observando os recorrentes elementos de invocação divina: a descrição da sua necessidade, oração por ajuda e libertação, motivos pelos quais devem ser auxiliados por Deus, uma promessa ou sacrifício quando a petição for alcançada e finaliza com louvores de agradecimento²⁶.

Os Salmos Reais são compilações de diversos aspectos e geralmente os reis são seus mensageiros.²⁷ Possuem lamentos (144,1-11) e cânticos de ação de graças (18; 21; 118). Os Salmos de Sabedoria (1; 34; 37; 49; 112; 128) conservam ligações com a literatura sapiencial, alguns biblistas acrescentam (32; 73; 111; 127). Os temas desse grupo ocorrem na polarização do justo e do ímpio, dois caminhos, o temor do Senhor e o problema da retribuição. Temos ainda os Salmos Litúrgicos, utilizados para a entrada no Templo (15; 24,3-6) e os Salmos Históricos com grandes narrativas das ações divinas na história do povo judeu (78; 105-106; 135-136), em diferentes momentos históricos.²⁸

Após sua compilação final, C. Mesters e F. Orofino defendem as importantes funções que exerceram na vida da comunidade de Israel. Pois o saltério ajudava a conservar na memória os eventos significativos. Era um valioso instrumento de educação religiosa, unia e reforçava sua identidade como povo escolhido. Igualmente recordava seu compromisso e aliança, fortalecia a fé, a esperança e o amor do povo para com o seu Criador e intensificava o anúncio da mensagem de Deus para outras nações.²⁹

2. Salmos como livro por excelência da Oração de Jesus Cristo

Ao abordar a importância do Ofício Divino, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* afirma que “o sumo sacerdote da nova e eterna aliança, Jesus Cristo, ao assumir a natureza humana trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão”.³⁰ O Verbo Encarnado traz para a humanidade sua íntima relação, comunicação e comunhão com o Pai e ensina a humanidade a se relacionar desta maneira, quando evoca Deus como o Abbá, Pai (Mc 14,36). A Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas reforça a posição cristológica, onde “o louvor a Deus ressoa no coração de Cristo com palavras humanas de adoração, propiciação e intercessão. Tudo isso Ele dirige ao Pai, como Cabeça que é da humanidade renovada e mediador entre Deus e os

²⁵ ASENSIO, V. M., Livros sapienciais e outros escritos, p. 256.

²⁶ KSELMAN, J. S.; BARRÉ, M. L., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, p. 1032-1033.

²⁷ KSELMAN, J. S.; BARRÉ, M. L., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, p. 1033.

²⁸ KSELMAN, J. S.; BARRÉ, M. L., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, p. 1034.

²⁹ MESTERS, C.; OROFINO, F., Lendo o livro dos Salmos, p. 17.

³⁰ SC 83.

homens”.³¹ Jesus Cristo é o Sumo Sacerdote e mediador, o supremo orador do Pai. Uma relação que Ele veio restaurar e que não pode ser esquecida, pois, Ele insiste para orar sempre (Lc 18,1).

A observância dos três momentos de oração no tempo de Jesus, sendo noite, manhã e tarde, são confirmados com naturalidade. Segundo J. Pinell, os documentos rabínicos utilizam do salmo 55,18 que canta: “de tarde, pela manhã e ao meio-dia eu me queixo, gemendo”, e a passagem de Daniel que no seu quarto, com as janelas em direção a Jerusalém, “três vezes por dia ele se punha de joelhos, orando e confessando o seu Deus” (Dn 6,11).³² Elementos fundamentais para a prática da oração ritual, que são os horários, a posição do corpo, o estilo de súplica e sua profunda ligação com o Templo, local por excelência dos Salmos.

O ensinamento de Jesus sobre a oração tem como base o seu exemplo pessoal. Ainda criança deseja estar no Templo e reconhece-o como sua casa, a “casa de meu Pai” (Lc 2,49). A segunda tentação, relatada por Mateus, demonstra a importância do Templo para Jesus, como uma necessidade vital, local de oração e temor a Deus (Mt 4,5-7). Na chegada em Jerusalém chora de amor por aquele lugar (Lc 19,41) e ensina aos apóstolos que o Templo deve ser sempre a sua casa, uma casa de oração (Lc 19,46). Em conformidade, J. Pinell afirma que a atenção de Jesus visa a presença de Deus no Templo e o seu conteúdo da revelação.³³ Ele reza naquele contexto, com as horas e conteúdo conforme os costumes do seu povo, porém, com um novo sentido.

Também sua presença nas sinagogas (Lc 4,16; Mt 4,23; 8,35; Mc 1,21; 6,2), como nos assegura J. M. Canals, principalmente para a oração, “no culto em que se cantava Salmos, se proclamavam leituras bíblicas e o presidente pronunciava orações e bênçãos”.³⁴ Mesmo não existindo referências explícitas da oração de Jesus com os Salmos, ele, sendo um judeu piedoso, cumpria os preceitos religiosos de seu povo com fidelidade, como podemos observar em algumas passagens.

Os seus discípulos percebem essa nova intimidade com o Pai e desejam também fazer essa a experiência em suas vidas, a tal ponto que no caminho para Jerusalém pedem que Jesus os ensine a rezar (Lc 11,1). O Papa Bento XVI ensina que o autor do terceiro evangelho atribui a ação de Jesus como resposta da sua oração e vice e versa. “É significativo que São Lucas coloque o Pai Nosso em relação com a própria oração de Jesus. Ele nos torna assim participantes na sua própria oração, Ele nos introduz no diálogo interior do amor trinitário”.³⁵ A oração do Pai Nosso é a grande novidade de Jesus. A sentença lucana é mais curta, enquanto Mateus apresenta a fórmula utilizada pela Igreja. Independente da fonte, a riqueza contida na oração com seus sete pedidos está relacionada às súplicas apresentadas no final do serviço sinagoga, o *Qaddish*.³⁶ Além disso, as três

³¹ IGLH 3.

³² PINELL, J., Anàmneseis, p. 24.

³³ PINELL, J., Anàmneseis, p. 29.

³⁴ CANALS, J. M., A Celebração na Igreja, p. 281.

³⁵ RATZINGER, J. Coletânea Jesus de Nazaré, p. 124.

³⁶ O *Qaddish* é uma das grandes pilastras da oração judaica, por proclamar a santidade de Deus magnificando sua grandeza e invocando, sobre o mundo, a plenitude de sua consolação e paz. DI SANTE, C. Liturgia Judaica, p. 190.

primeiras petições da Oração do Senhor mostram a semelhança com o *Tefillah*,³⁷ como também com diversos trechos dos Salmos.

O salmista canta “Ele me invocará: Tu és meu pai” (Sl 89,27). Na oração de Jesus, o Pai aparece como origem de toda a bondade e retidão humana. O Papa alemão, recorda que Deus é Pai, nos criou e, por Cristo, nos convida a sermos filhos como o Filho, diferente do pensamento de Adão, que sendo filho, deseja não ser.³⁸ A partilha de Deus como Pai foi um presente incomensurável para a humanidade, feita pelo unigênito, aquele único que possui a mesma essência e poderia nos dar esse privilégio.

A santificação do nome de Deus é o segundo mandamento do Decálogo (Ex 20,7), como é também cantada pelo salmista em inúmeros Salmos (8,2; 44,9; 75,2; 79,9; 89,17; 106,47; 135,13) e é o primeiro pedido na Oração do Senhor. Em um mundo politeísta, com muitas imagens de Deus, saber o nome D’Ele foi a pergunta que o genro de Jetro faz ao Senhor. “Mas o Deus que chama Moisés é realmente Deus. Deus em sentido verdadeiro e próprio não existe no plural. Ele não pode entrar no mundo dos deuses como um entre muitos, não pode ter um nome entre outros nomes”.³⁹ O importante é perceber que o criador quer se aproximar ainda mais do seu povo, pois, não está indiferente ao seu sofrimento, seu nome será agora invocado nessa relação que se estabelecerá plenamente com o Cristo. Por isso seu nome será santificado, na santificação de todos os homens que acolhem o projeto divino em suas vidas.

O estabelecimento do Reino de Deus é concretizado na encarnação, pois, “Jesus é o Reino de Deus em pessoa; onde Ele está, aí está o Reino de Deus”.⁴⁰ Essa realidade é uma necessidade e a concretização do Sl 145,12-13 que canta: “para anunciar tuas façanhas aos filhos de Adão, e a majestade gloriosa do teu reino. Teu reino é reino para os séculos todos”. Nessa segunda petição, a comunhão plena com Jesus é o pedido do verdadeiro seguimento, que se une ao terceiro pedido, com o desejo de que sua vontade seja feita em todos os lugares. Sobre a determinação do querer divino o salmista canta no Sl 40,9 e 143,10. Santo Agostinho afirma que a humanidade precisa aprender a fazer o interesse do Criador e não agir impulsivamente, sendo mestra de si mesma, mas na procura de sempre fazer a verdadeira vontade.⁴¹

A segunda parte da oração do Pai Nosso traz os quatro últimos pedidos do Senhor. A rogação de pão do céu se faz presente no Sl 105,40 como também no Sl 136,25. O pedido de perdão se expressa no rosto do verdadeiro Senhor que é um “Deus de perdão” (Sl 99,8), como também nas súplicas da libertação dos pecados e o seu perdão (Sl 25,11.18; 79,9). O desejo do afastamento da sedução do tentador e a libertação do mal se canta no Sl 141. O Papa Ratzinger elucida que esses últimos pedidos retoma os três primeiros, “uma vez que pedimos a libertação do poder do mal, pedimos em última instância o Reino de Deus, a nossa unidade com a Sua vontade, a santificação do Seu nome”.⁴²

O Papa Francisco realizou dezesseis catequeses semanais sobre a Oração do Pai Nosso, e nos disse: “Jesus, na oração, não quer apagar o humano, não o quer anestésiar.

³⁷ CANALS, J. M. A Celebração na Igreja, p. 283.

³⁸ RATZINGER, J. Coletânea Jesus de Nazaré, p. 128-129.

³⁹ RATZINGER, J. Coletânea Jesus de Nazaré, p. 133.

⁴⁰ RATZINGER, J. Coletânea Jesus de Nazaré, p. 135.

⁴¹ SANTO AGOSTINHO. Comentário aos Salmos, p. 982.

⁴² RATZINGER, J. Coletânea Jesus de Nazaré, p. 151.

Não quer que moderemos as perguntas, mas aprendendo a suportar tudo. Ao contrário, quer que cada sofrimento, qualquer preocupação, se projete rumo ao céu e se torne diálogo.⁴³ A valorização da comunicação com o Pai é a manifestação da sua compaixão para com seus filhos. Ele deseja que todos, sem medo, possam conversar com Ele como serenidade e confiança.

Jesus, como fiel servidor do querer do Pai, realiza com integridade as profecias messiânicas a seu respeito, como também podem ser encontradas nos Salmos. Na ceia judaica que celebra a festa da *Pesah*, da Páscoa, em sua liturgia existe o momento do *Hallel*, que é a recitação dos Salmos 113 ao 118. Jesus participou desse momento em toda a sua vida como fiel judeu. Mateus registra esse momento após a última ceia. “Depois de terem cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras” (Mt 26,30). Antes de saírem, o discípulo amado registra a clara intimidade de Jesus com os Salmos, à mesa o Mestre cita o Salmo 41,10: “Aquele que come o meu pão levantou contra mim o calcanhar” (Jo 13,18).

No Getsêmani o próprio Jesus, ao iniciar sua oração, reza: “Minha alma está triste até a morte” (Mt 26,38), expressão que evoca os versículos do Salmo 42,6.12 e 43,5. Em toda paixão do Senhor percebe-se a associação plena do servo inocente que canta o Salmo 22. O desprezo e a toda humilhação dos versículos 7 e 8 são manifestadas nos momentos da flagelação do Senhor (Mt 27,27-31). Já na cruz, Jesus brada um forte grito: “Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46), o mesmo grito do salmista no versículo 2. Antes da sua morte, o salmista no Sl 31,6 reza: “em tuas mãos entrego meu espírito”. Para o evangelista Lucas essas foram também as últimas palavras de Jesus (Lc 23,46).

Jesus como herdeiro da promessa, como descendente de Davi (Mt 1,6-16), presta um culto filial ao Pai através dos Salmos como sinal da continuidade desta comunicação. Ensina L. F. R. Santana que “o culto do Verbo eterno se encarnou na oração do Filho de Deus, feito filho de Davi, encarnado, morto e ressuscitado, o qual assumiu os Salmos como expressão do seu culto e de sua adoração ao Pai”.⁴⁴ Acolhe a herança e sua genealogia no pleno e verdadeiro amor a Deus.

3. Salmos como livro por excelência da Oração da Igreja Cristã

A Igreja, que pediu ao Senhor que a ensinasse a rezar, amplia, a partir da prática e do seguimento do Divino Mestre, a vivência dos Salmos no tempo e na história. Ao longo dos séculos com o desenvolvimento da Liturgia da Palavra nos rituais dos Sacramentos, os Salmos foram introduzidos e enriqueceram a temática bíblica das celebrações. O desejo de santificar o *chronos* edificou a oração da Igreja por meio do Saltério, estruturada no Ofício Divino, que, após o Concílio Vaticano II, passou a ser denominada Liturgia das Horas, constituído o foco desta pesquisa.

3.1. Período Apostólico

Após a ascensão do Senhor, e por um período, antes da dispersão dos apóstolos para a edificação de diversas comunidades em diferentes regiões, eles continuaram as suas

⁴³ PAPA FRANCISCO, Catequese sobre o Pai Nosso, 2.

⁴⁴ SANTANA, L. F. R., A Liturgia das Horas como memorial de Cristo e santificação do tempo, p. 19.

práticas religiosas judaicas no templo, nas sinagogas e nos ambientes familiares (At 2,42). Segundo L. F. R. Santana, “na Igreja em oração, é a voz de Cristo que os cristãos reconhecem nos Salmos”.⁴⁵ A oração da Igreja nascente ora segundo a tradição judaica, mas, com a experiência e os ensinamentos de Jesus. De fato, o Cristo ressuscitado ilumina as preces da comunidade, que encontra somente nele razão de agir e ser.

A conservação da oração e dos horários judaicos são manifestados em diferentes momentos no Atos dos Apóstolos. No dia de Pentecostes, o grupo apostólico está reunido em oração e a manifestação do Espírito Santo possibilitou a eles o dom de línguas (At 2,1-13). Acusados de embriaguez, Pedro explica os acontecimentos e ressalta o horário, da terceira hora do dia (At 2,15), que seria nove horas da manhã. No mesmo dia, Pedro, acompanhado de João, vão “ao Templo para a oração da hora nona” (At 3,1), horário do sacrifício vespertino, cerca de três horas da tarde. Em outro momento, Pedro sobe ao terraço por volta da hora sexta, isto é, ao meio-dia, para orar (At 10,9). São também relatadas, as orações noturnas, como a comunidade de Jerusalém que passa a noite em oração pela prisão de Pedro (At 12,5.12). Paulo e Silas estão presos e à meia noite estão em oração (At 16,25). Em suas cartas, Paulo incentiva as comunidades a orem com os Salmos e hinos (1Cor 14,15.26; Ef 5,19; Cl 3,16).

A espiritualidade dos Apóstolos está intimamente ligada aos Salmos. Tanto é assim que o autor dos Atos do Apóstolos, identificado pelos estudiosos da Bíblia como São Lucas, traz pelo menos três trechos dos Salmos em seu texto. Em At 2,25-28 encontra-se o Sl 16,8-11; ainda no mesmo capítulo, nos versículos 34 e 35 aparece o Sl 110,1. No capítulo 4, versículos 25 e 26 é apresentado o Sl 2,1-2. Em todas estas passagens há uma referência a Davi como autor dos Salmos. Como J. M. Canals ensina:

A comunidade cristã rezava, em um primeiro momento, os Salmos no estilo e sentido judaico; posteriormente, eles adquirem nova luz que se projeta não só sobre a vida histórica e misteriosa de Jesus (sentido cristológico), mas também sobre a própria vida da Igreja (sentido eclesial) e sobre as realidades salvíficas que ainda estão por acontecer (sentido escatológico).⁴⁶

Com o passar dos anos, algumas mudanças e o distanciamento dos preceitos judaicos vão sendo solidificados. No Concílio de Jerusalém (At 15,1-29) se constitui a independência entre culto cristão e hebreu. Além disso, é nesse período que começam a surgir os escritos dos apóstolos, como também hinos e cânticos, que fortalecem a vivência na comunidade. J. Pinell instrui sobre a existência de um repertório hinário primitivo, antecedente aos escritos das cartas paulinas e católicas, que trazem uma cristologia soteriológica.⁴⁷ Textos que serão utilizados pela Igreja ao longo dos séculos no Ofício Divino.

3.2. Período Patrístico

Nos últimos decênios do primeiro século da era cristã até o início do século IV,

⁴⁵ SANTANA, L. F. R., A Liturgia das Horas como memorial de Cristo e santificação do tempo, p. 22.

⁴⁶ CANALS, J. M., A Celebração na Igreja, 287.

⁴⁷ PINELL, J., Anàmneseis, p. 36.

floresceram escritos que mais tarde seriam associados aos Padres da Igreja, inaugurando o chamado Período Patrístico. Entre esses textos, destacam-se catequeses, homilias, cartas e tratados teológicos que ajudaram a consolidar a doutrina cristã e a prática pastoral. São essas instruções, normas e orientações que vão norteando a vida espiritual das comunidades. A Didaqué⁴⁸ aponta algumas mudanças na oração da comunidade, que não deve rezar mais as orações judaicas, mas a oração do Pai Nosso, porém, respeitando a santificação do tempo, com três vezes ao dia.⁴⁹ Já Clemente de Alexandria († 215), em seus escritos, traz diversas citações dos Salmos (102,13; 125,5; 127,1), o que demonstra o seu conhecimento dos textos sálmicos.⁵⁰ Ele ainda cita a consagração de determinadas horas para a oração.⁵¹

A Tradição Apostólica de Hipólito de Roma († 235), em suas orientações para a vida cotidiana, exorta os fiéis a rezarem pela manhã, ao acordar. Além disso, caso estejam em suas casas são encorajados a louvar nas horas terceira, sexta e nona. Ainda, “antes do teu corpo repousar no leito” deve-se buscar a oração e, caso venha a acordar durante as horas da madrugada, pode enaltecer ao Senhor.⁵² São Cipriano de Cartago († 258) escreve o tratado *De Dominica Oratione* que enaltece a oração da manhã como a oração da “Celebração da Ressurreição do Senhor”, recorrendo ao Salmo 5, conhecido como salmo da oração da manhã.⁵³

Os pais da Patrística do III século apresentam alguns princípios às diversas horas do ofício: O primeiro seria a oração à Trindade, partindo das orações da manhã, meio dia e da tarde. Depois, seguindo o exemplo dos Apóstolos, estendem para as demais horas diurnas a necessidade da oração. O terceiro princípio é justamente o Mistério Pascal de Jesus Cristo, que em determinadas horas do dia vivenciou seu memorial da paixão, da entrega e do amor. Ainda destacam, Jesus como a luz sem ocaso, do Cristo Ressuscitado e por fim, o verdadeiro sacrifício espiritual que substitui o dos sacrifícios antigos.⁵⁴

3.3. Do ofício comunitário ao particular

Com a paz de Constantino, a partir do século IV, começam organizar as orações das horas, com a fixação de fórmulas. As Constituições Apostólicas apresentam um esquema definido para as duas horas principais de oração: nas Vésperas, a oração é realizada com o Salmo 140 e, nas Matinas, o Salmo 62.⁵⁵ No Diário de Etéria (ou Egéria), a peregrina narra com enormes detalhes o Ofício da Semana e a Liturgia do Domingo em Jerusalém. Essas celebrações incluem a Vigília Matinal, a *Laudes*, a Hora Sexta (meio-dia), *Noa* ou Nona (quinze-horas) e, por último, às Vésperas ou Lucernário, realizadas

⁴⁸ Também denominada Doutrina dos Apóstolos, que provavelmente foi escrita na Síria Oriental. Sua datação é motivo de discussão, alguns acreditam ser dos anos 50-70, outros já defende um período posterior, nos anos 90 a 100. CORDEIRO, J. L., *Antologia Litúrgica*, p. 100

⁴⁹ CORDEIRO, J. L., *Antologia Litúrgica*, n. 201, p. 103.

⁵⁰ CORDEIRO, J. L., *Antologia Litúrgica*, n. 539, p. 193.

⁵¹ CORDEIRO, J. L., *Antologia Litúrgica*, n. 549, p. 195.

⁵² CORDEIRO, J. L., *Antologia Litúrgica*, n. 817, p. 255.

⁵³ PINELL, J., *Anàmneseis*, p. 64.

⁵⁴ GONZÁLEZ, R., *A Celebração na Igreja*, p. 302-303.

⁵⁵ PINELL, J., *Anàmneseis*, p. 70.

antes de escurecer. Em todas essas orações “dizem-se hinos, responde-se aos Salmos e alternam-se antífonas”,⁵⁶ sempre nas Igrejas com a presença do bispo, dos presbíteros, diáconos e leigos.

O ofício nesse tempo, até o século IX, é organizado a partir de dois modelos: o eclesial, realizado nas catedrais e paróquias e o monástico, desenvolvido nos mosteiros. Segundo J. L. Martín “o primeiro estava centrado sobretudo nas celebrações da manhã e da tarde, isto é, nas *laudes* e nas vésperas presidida pelo bispo ou por um presbítero e o povo”.⁵⁷ Já o segundo desejava dedicar o maior tempo do dia à oração, intercalando com o trabalho. Além das horas maiores e diurnas, são introduzidas as horas intermediárias, que são a hora prima (rezadas antes da *laudes*) e as completas. Ao deitar-se recitava o SI 90.⁵⁸

Do século X ao XV ocorre uma transição do Ofício Divino: da prática comunitária solene para uma recitação mais privada. De acordo R. González, observa-se, “a partir do séc. X, a tendência a abreviá-lo. Reduzem-se os Salmos, responsórios e leituras”.⁵⁹ Ele ainda afirma que no século seguinte inicia-se o desenvolvimento dos primitivos livros que conteriam todas as fórmulas principais para a celebração plena do ofício, denominado “breviário”.⁶⁰

O Breviário da Cúria Romana, que provavelmente foi codificado por Inocêncio III em vista do Concílio de Latrão (1215), foi assumido por São Francisco de Assis em 1223 e se espalhou por toda a Europa.⁶¹ Sua estrutura era composta de um calendário, o Saltério, que continha também cânticos, antífonas e hinos. Da mesma forma possuía uma seção temporal, com leituras, responsórios e orações próprias; o santoral com o comum dos santos e ainda uma seção para os defuntos.⁶² A prática da oração privada já estava estabelecida, mesmo com textos conciliares e diretrizes dos bispos para a celebração em coro.

3.4. Concílio de Trento

No início do século XVI, diante da necessidade da atualização do Ofício Divino, o papa Clemente VII chama o cardeal Quinónez, confiando-lhe essa missão.⁶³ Em 1535 é publicado o novo texto, mais simples e breve. Contudo, muitas foram as críticas, principalmente dos mais renomados teólogos da época que diziam que “o ofício era livro mais de instrução e leitura que de oração”,⁶⁴ sendo revogado por Paulo IV em 1558. Dez anos depois, e atendendo ao pedido do Concílio de Trento, Pio V edita um novo breviário. Sua aceitação se estabelece por muitos anos e é adotado por toda a Igreja do Ocidente. Diferente do anterior que dividia o ofício em coro e privado, o novo contemplava ambas as situações. Ao longo dos séculos, pequenas modificações foram estabelecidas.⁶⁵ O papa Pio X em 1911, realiza uma importante atualização,⁶⁶ e posteriormente, Pio XII, em 1945.

⁵⁶ CORDEIRO, J. L., *Antologia Litúrgica*, n. 1655-1661, p. 509-512.

⁵⁷ MARTÍN, J. L., *A liturgia da Igreja*, p. 425.

⁵⁸ GONZÁLEZ, R., *A Celebração na Igreja*, p. 307.

⁵⁹ GONZÁLEZ, R., *A Celebração na Igreja*, p. 313.

⁶⁰ GONZÁLEZ, R., *A Celebração na Igreja*, p. 313.

⁶¹ MARTÍN, J. L., *A liturgia da Igreja*, p. 426.

⁶² GONZÁLEZ, R., *A Celebração na Igreja*, p. 315.

⁶³ MARTÍN, J. L., *A liturgia da Igreja*, p. 426.

⁶⁴ GOENAGA, J. A., *A Celebração na Igreja*, p. 318.

⁶⁵ GOENAGA, J. A., *A Celebração na Igreja*, p. 319.

⁶⁶ MARTÍN, J. L., *A liturgia da Igreja*, p. 427.

3.5. Concílio Vaticano II

O primeiro documento emanado do concílio foi justamente sobre a liturgia. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* dedicou o seu quarto capítulo para definir as normas da reforma do breviário. Para muitos a grande necessidade da reforma era justamente a devolução da liturgia ao povo, principalmente o Ofício Divino.⁶⁷ Este trabalho foi estruturado em nove grupos de estudo e passou por três fases: a primeira de 1964 a 1965, a segunda de 1966 e 1967 e a última de 1968 a 1972.⁶⁸ O Ofício Divino recebeu uma nova nomenclatura: Liturgia das Horas e foi promulgada por sua santidade São Paulo VI na solenidade de Todos os Santos de 1970 pela Constituição Apostólica *Laudis canticum*.

Sua composição é dividida em quatro volumes cobrindo o ciclo completo do ano litúrgico. O primeiro volume abrange o tempo do Advento e do Natal, o segundo inclui a Quaresma, o Tríduo Pascal e o Tempo Pascal. Os dois volumes restantes contemplam o Tempo Comum: o terceiro volume vai da primeira até à décima sétima semana, e o quarto volume, a décima oitava até a trigésima quarta semana. Todos possuem a mesma divisão: Próprio do Tempo, Saltério em quatro semanas, Completas em uma semana, Salmodia Complementar, Próprio dos Santos, Comuns e os Apêndices que trazem as diversas fórmulas de introdução do Pai Nosso e algumas orações mais breves para as *Laudes* e *Vésperas*. Estas celebrações incluem igualmente: um hino, dois Salmos e um cântico, uma leitura breve, o cântico evangélico (*Benedictus* nas *Laudes* ou *Magnificat* nas *Vésperas*), preces, Pai Nosso e a oração de conclusão.

O Ofício das Leituras, originalmente realizado antes das *Laudes*, pode ser rezado em qualquer momento do dia. Ele inicia-se com o invitatório (abertura), segue com três Salmos ou partes deles, duas leituras acompanhadas de responsórios, e encerra-se com a recitação do *Te Deum* (nos domingos e solenidades) e com a oração própria do dia. A Hora Média, que reúne as três horas diurnas: Terça (9h), Sexta (12h) e Noa (15h). É composta por uma abertura, um hino, a salmodia com três Salmos ou fragmentos, uma leitura breve e oração conclusiva. Por fim, as Completas, como a última oração do dia, principia-se com uma abertura, um exame de consciência e súplica penitencial, o hino, a salmodia, leitura e responsório breve, o cântico de Simeão, a oração conclusiva e uma antífona à Virgem Maria.

A riqueza do documento emanado por sua santidade São Paulo VI na promulgação é realmente um cântico de louvor, de alegria, que a nova liturgia deseja manifestar a Santíssima Trindade. Na Constituição Apostólica *Laudis Canticum*, o papa oferece uma breve introdução histórica sobre a formação do Ofício Divino, destacando os setes anos de trabalho da comissão responsável por sua revisão. Nos números subsequentes, ele apresenta as principais mudanças e que foram posteriormente divulgadas na Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas com mais detalhes. A tradução para a língua vernácula, de responsabilidade das Conferências Episcopais, foi uma das grandes mudanças da Liturgia das Horas. Afirma J. Pinell que trabalhou no grupo de estudo III:

⁶⁷ LUTZ, G., Liturgia: vida e obra, p. 598.

⁶⁸ BUGNINI, A., A reforma litúrgica (1948-1975), p. 419.

Se tivermos em conta a importância do ensinamento pessoal de Jesus como mestre de oração, o carácter específico da oração cristã e o fato de ele ter adotado para si todo um estilo de oração do seu povo, devemos concluir que a oração da Igreja é também uma herança da Antiga Aliança, providencialmente transmitida a nós.⁶⁹

Os Salmos foram distribuídos em quatro semanas na busca pela designação de cada um conforme as características das Horas e dos tempos litúrgicos. Da mesma forma, valorizou-se a memória dos domingos em celebração à Ressurreição de Cristo e das sextas-feiras com a recordação da Paixão e Morte do Senhor.⁷⁰ Na busca da santificação do tempo diário, semanal e anual, os Salmos auxiliam os cristãos a expressarem suas vidas diante de Deus suas vidas, com as suas alegrias e tristezas, sofrimentos e vitórias, sempre posicionando-os entre o céu e a terra, dia e noite. Por fim, os Salmos ajudam o ser humano a encontrar-se consigo mesmo, a conhecer-se mais profundamente e a permanecer com o Senhor.⁷¹

Conclusão

A espiritualidade cristã tem sua base na cronologia do povo de Deus nos diversos tempos e momentos de sua caminhada. De variadas formas o diálogo com a Santíssima Trindade foi se estabelecendo ao longo da história. A plenitude da oração, o hino que se canta na eternidade, se consolidou entre homens, a partir de Jesus Cristo, sumo e eterno sacerdote. “Ele une a si toda a humanidade e associa-se a este cântico divino de louvor”.⁷² A Liturgia das Horas é fundamentada, em todos os seus elementos, pela Palavra de Deus.

Diante da voz de Deus que nos chama, somos primeiramente convidados a escutar, “ouve, ó Israel” (Dt 6,4). E é justamente através desta liturgia que podemos ouvi-Lo, pois, sua presença é real. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* nos assegura sua permanência na Liturgia das Horas, da mesma forma que nas outras ações litúrgicas, como no sacrificial da santa missa, nas espécies eucarísticas, no ministro e na comunidade que celebra, dos demais sacramentos e na Palavra proclamada.⁷³ Muitas são as vozes que gritam em nós e para nós, para não ouvirmos a verdadeira voz. O papa Bento XVI recorda que “esta oração é a voz da Esposa (Igreja) a falar ao Esposo (Cristo) e também a oração que o próprio Cristo, unido ao seu Corpo, eleva ao Pai”,⁷⁴ em plena recordação com a SC 84. É a oração descendente, que brota da plena união da Cabeça com seu corpo. Ao mesmo tempo é oração ascendente, do Esposo unido a esposa que presta, no seu amor, o culto e a comunicação ao Pai.

O desejo da Oração da Igreja com todos os fiéis, e não apenas com os ministros ordenados e pelos religiosos consagrados, conforme solicitado na *Sacrosanctum*

⁶⁹ PINELL, J., *Anàmneseis*, p. 18.

⁷⁰ BUGNINI, A., *A reforma litúrgica (1948-1975)*, p. 444.

⁷¹ BUGNINI, A., *A reforma litúrgica (1948-1975)*, p. 605.

⁷² SC 83.

⁷³ SC 7.

⁷⁴ VD 62.

Concilium 100,⁷⁵ ainda é um caminho longo a ser percorrido. Mesmo com muitas iniciativas pastorais já desenvolvidas, muitos cristãos leigos ainda não conhecem a verdadeira oração da Igreja. A Liturgia das Horas é a celebração do mistério, a ação litúrgica que possui duas partes: a perfeita glorificação de Deus e a obra da salvação humana.⁷⁶

Referências bibliográficas

ALDAZÁBAL, J. **Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas**. Comentários. São Paulo: Paulinas, 2010.

ASENSIO, V. M. **Livros sapienciais e outros escritos**. São Paulo: Ave Maria, 2008.

BECKHÄUSER, A. A Celebração do Mistério de Cristo nas horas do dia: A Liturgia das Horas. In: CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Manual de Liturgia, volume IV: a celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério Pascal e a liturgia na vida da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2007.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***: sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2019.

BORTOLINI, J. **Conhecer e rezar os Salmos**: comentários populares para nossos dias. São Paulo: Paulus, 2019.

BUGNINI, A. **A reforma litúrgica (1948-1975)**. São Paulo: Paulinas, Paulus, Loyola, 2018.

CANALS, J. M. A Oração na Bíblia. In: BOROBIO, D. (Org). **A celebração na Igreja, vol. 3: ritmos e tempos da celebração**. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: **Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)**. Organização: Lourenço Costa. 6.reimp. São Paulo: Paulus, 2012.

CORDEIRO, J. L. (Org). **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. 2. ed. Fátima-Portugal: Secretariados Nacional de Liturgia, 2015.

DI SANTE, C. **Liturgia Judaica**: fontes, estrutura, orações e festa. São Paulo: Paulus, 2004.

GOENAGA, J. A. As diversas reformas do ofício do século XVI ao Vaticano II. In: BOROBIO, D. (Org). **A celebração na Igreja, vol. 3: ritmos e tempos da celebração**. São Paulo: Loyola, 2000.

⁷⁵ “Esforcem-se os pastores de almas a fim de que nos domingos e festas mais solenes se celebrem em comum na Igrejas as horas principais, especialmente vésperas. Recomenda-se também aos leigos que recitem o ofício divino, quer juntamente com sacerdotes, quer reunidos entre si, e até cada um em particular”.

⁷⁶ SC 5.

GONZÁLEZ, R. A oração da comunidade cristã. In: BOROBIO, D. (Org). **A celebração na Igreja, vol. 3:** ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000.

KSELMAN, J. S.; BARRÉ, M. L. Salmos. In: **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo:** Antigo Testamento. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.

LUTZ, G. **Liturgia:** vida e obra. Loyola: São Paulo, 2019.

MARTÍN, J. L. **A liturgia da Igreja:** Teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.

MESTERS, C.; OROFINO, F. **Lendo o livro dos Salmos:** a lei orante do povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2018.

PAPA FRANCISCO. **Catequese sobre o Pai Nosso - 2.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20181212_udienza-generale.html> Acesso em: 05 nov. 2023.

PINELL, J. 5 - Liturgia delle ore. In: SCICOLONE, I. (Dir.). **Anàmnesis.** Genova-Itália: Casa Editrice Marietti, 2017.

QUEVEDO, L. G. Vocação. In: RODRÍGUEZ, A. A.; CASAS, J. C. (Dir.). **Dicionário teológico da vida consagrada.** São Paulo: Paulus, 1994.

RATZINGER, J. **Coletânea Jesus de Nazaré:** do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta, 2020.

SANTANA, L. F. R. **A Liturgia das Horas como memorial de Cristo e santificação do tempo.** Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2001.

SANTO AGOSTINHO. **Comentário aos Salmos:** 101-150. São Paulo: Paulus, 1998.

SIQUEIRA, F. S. **A crítica profética ao culto do Segundo Templo:** análise exegética de Mt 1,6-14. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2021.

SKA, J-L. **Antigo Testamento:** 2. Temas e leituras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

ZENGER, E. O livro dos Salmos. In: **Introdução ao Antigo Testamento** – Coleção Bíblica Loyola 36. São Paulo: Loyola, 2003.

Marco Antonio Norberto Costa

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

E-mail: marco.ancosta84@gmail.com

Recebido em: 13/09/2024

Aprovado em: 20/12/2024